

**A imagem do tropeiro na poesia gauchesca através de obras dos
poetas: Aureliano de Figueiredo Pinto, Florisbela Carneiro
Zimmermann e Guilherme Collares¹**

Egiselda Brum Charão²

Resumo: Este texto procura analisar as representações do tropeiro na poesia gauchesca a partir de obras de Aureliano de Figueiredo Pinto, Florisbela Carneiro Zimmermann e Guilherme Colares, em contraponto com contexto no qual o autor estava inserido no momento da criação poética. Levou-se em conta nesta abordagem, a possibilidade de pensar a literatura e sua relação com a história segundo os princípios teóricos de Roger Chartier e Sandra Jatay Pesavento.

¹ Pesquisa orientada pela Profª Drª . Núncia Maria Santoro de Constantino

² Acadêmica do curso de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Poesia e História³ aparecem associadas desde os seus primórdios e nessa ligação estão contidas as principais linhas de pensamento, que direcionadas sobre a investigação de certos aspectos das semelhanças entre a arte e o real. A função do historiador é buscar responder, através de uma metodologia, sua problemática. Para isso, necessita de um suporte empírico, isto é, a fonte que é um traço que pode ser verificável⁴. As abordagens que surgiram nas últimas décadas incorporaram a literatura às suas fontes de pesquisa sobre a cultura. A análise literária nesta perspectiva possibilitou questionamentos a literatura sobre as questões social cultural e histórico.

Privilegiando-se o diálogo interdisciplinar entre história e literatura, a obra literária passou a ser encarada numa dimensão documental, como um discurso, uma forma de representação, de criação de sentidos para a realidade⁵

Através da obra literária pode-se entender o imaginário social como ponto de referência no sistema de símbolos produzidos por uma determinada coletividade que organizam e regulam a vida coletiva⁶. Esse imaginário não só representa a realidade, atua sobre ela acionando práticas e imprimindo direções *essas representações são construções coletivas através das quais os grupos constroem sua identidade e elaboram sentidos para o mundo em que se encontram inseridos*⁷. Nesta visão a produção literária rio-grandense promoveu a construção de alguns signos e símbolos que foram marcados

³ Em nota de rodapé de artigo, Steyer, chama a atenção para o seguinte aspecto: *Quando se relaciona duas áreas do conhecimento, o conceito de interdisciplinaridade precisa estar presente, para que uma disciplina não fique subjugada às leis internas da outra*. BARROSO, Vera Lucia Maciel, (Org) *Bom Jesus e o Tropeirismo no Cone Sul*. In: STEYER, Fábio Augusto. *O tropeiro como temática nos festivais de música no RS. Porto Alegre: EST. 2000. p. 363*

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy, « História & literatura: uma velha-nova história », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006. URL :

⁵ CHAVES, Flavio Loureiro; BATISTI, Elisa, *Cultura Regional 2: língua, história, literatura*. In: ARENT, João Cláudio e PAVANI, Cínara Ferreira. *Imaginário Social e representação literária: apontamentos sobre a poesia de Augusto Meyer*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

⁶ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. Einaudi, Anthoropos-Homem, n.5, 1996.

⁷ CHARTIER, Roger. *A história Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1988.

na memória como sendo parte da cultura⁸ na qual está inserida a figura do tropeiro. Pierre Nora assim define memória:

*A memória vivida e suportada por grupos sociais, é representação afetiva em evolução permanente, aberta à dialética entre a recordação e esquecimento, inconsciente de suas deformações e vulnerável a todas as manipulações, sendo ainda suscetível a longas latências e de repentinas revitalizações.*⁹

Com relação ao tropeirismo no Brasil foi uma atividade econômica que se desenvolveu a partir de meados do séc XVIII. No extremo sul a história do tropeirismo se confunde com a ocupação portuguesa. Foi um fenômeno de caráter universal que impulsionou o progresso econômico do estado em relação ao restante do país¹⁰. Era o transporte de animais do sul para o centro-oeste do Brasil, principalmente para a zona aurífera que necessitava de animais de corte e cria e mulas de sela e de cangalha criados¹¹. Estes animais eram fornecidos pelos rio-grandenses. Guilhermino César, em sua obra já ressaltava a importância dessa atividade nos seus primórdios:

O tropeiro setecentista desvenda os mistérios do escondido Rio de São Pedro, afugenta ou alicia o índio, abre caminhos, forma invernadas e estâncias, liga entre si áreas econômicas distintas, impõe mais objetividade e vigor aos

⁸ Nota: “o conceito de cultura ao qual adiro[...] denota um padrão, transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida.(C. Geertz)” CHARTIER, Roger. A história Cultural entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 1988. Pg. 67

⁹ NORA, Pierre, apud CATROGA, Fernando. *Fronteiras do milênio*/ organizado por Sandra Jatay Pesavento. Porto Alegre: Ed. Universidade, EFRGS, 2001. Pg.53

¹⁰ FLORES, Moacyr. *Tropeirismo no Brasil*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998. p.5

¹¹ POZZEBON, Maria Catarina Lima. *O Caminho das Tropas e a formação de Cruz Alta*. Porto Alegre, 2002. Dissertação de Mestrado em História. PUCRS. P.48

¹² CESAR, Guilhermino. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1970

¹³ Op. Cit., p 36

*reinóis no trato das questões pertinentes
à dilatação das fronteiras.¹²*

Autor ainda apontava para a miscigenação entre vários grupos no espaço gaúcho pois os mesmos estavam condicionados biológica e culturalmente. Em um processo gradual receberam dos luso-brasileiros a marca da cultura padrão vinculada a língua portuguesa introduzida no espaço gaúcho desde a colonização. Essa condição propiciou o surgimento de um modo de vida singular, no qual cidade e coxilha se uniram gerando o falar rústico, da zona campeira, largamente explorado pela literatura regionalista¹³.

Partindo desta linha de pensamento, o objetivo desta reflexão é analisar a representação do tropeiro na poesia gauchesca, a partir das obras de escritores rio-grandenses em contraponto com contexto no qual o autor estava inserido no momento da criação poética. Levou-se em conta nesta abordagem, a possibilidade de pensar a literatura e sua relação com a história como um vestígio de seu tempo, entendendo-se que:

[... literatura e história são narrativas que tem o real como referene, para confirma-lo ou nega-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassa-lo. Como narrativas são representações que se referem à vida e que a14explicam. ...A literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas.]¹⁴

Tendo em vista a vasta produção relacionada ao tema escolhido, optou-se por uma obra específica de cada um dos autores conforme segue:

- Aureliano de Figueiredo Pinto natural de Tupanciretã, com o poema *Romance do tropeiro doido*,
- Florisbela Carneiro Zimmemann, natural de Soledade com o poema *Ao tropeiro*,

¹⁴PESAVENTO, Sandra Jatahy, « História & literatura: uma *velha-nova* história », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006. hwww.fcsh.unl.pt
Capturada em: 14 de maio de 2008 às 19h22min.

- Guilherme Colares, natural de Bagé com o poema *Um certo tropeiro “Lua Nova”*

Para tornar viável esta pesquisa foram utilizados registros de imagens e bibliografia referente ao tema. Também buscou-se fontes primárias, depoimentos escritos e registros eletrônicos pertinentes ao assunto. Para dar embasamento teórico os estudos de Roger Chartier e Sandra Pessavento que Ordenaram essa reflexão segundo princípios investigativos metodológicos.

Entre os conceitos que nortearam a construção textual o de imagem que é a evocação mental de um objeto, de uma impressão etc;. Lembrança, recordação: imagens do passado. Produto da imaginação consciente ou inconsciente. Manifestação sensível do abstrato ou do invisível. Já a representação designa o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada e dada a ler por diferentes grupos sociais. Exposição escrita isto é reprodução do conteúdo concreto aprendido, pelos sentidos pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento.

Outras definições utilizadas foram, a de tropeiro¹⁵, que designava o condutor de tropas de gado, de éguas, de mulas ou de cargueiros (bestas de carga). Pessoa que se ocupa em comprar e vender tropas de gado, de éguas e de mulas. Peão que tem por profissão ajudar a conduzir a tropa. E também a de poesia gauchesca¹⁶ que é uma expressão literária peculiar aos poetas nativistas do Rio Grande do Sul. Abrange todas as formas de poesia as quais adquirem características especiais no trato de temas rio-grandenses.

Inicialmente, condensou-se uma síntese do surgimento do gênero da poesia na região do Prata. Segundo de Manoelito de Ornellas o fundador da poesia gauchesca na região platina foi Bartolomé Hidalgo, por volta de 1820. Mas, os primeiros escritos chamados *cielitos*¹⁷ explorando os temas campestres do Uruguai, Argentina e Brasil

¹⁵ FLORES, Moacyr. Dicionário do tropeirismo. Porto Alegre: Est ,2006,p 95-96

¹⁶ Nota: também chamada poesia gaúcha, poesia nativista do Rio Grande do Sul e poesia crioula. NUNES, Zeno Cardoso Nunes e NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986. p. 381.

¹⁷ BECCO, Horacio Jorge AA.VV. *Cielitos de la Patria / Recopilación, prólogo, notas y bibliografía .* Soft cover, Buenos Aires: Plus Ultra, 1986. El 'cielito' nació de una necesidad colectiva. Su origen se remonta a la época en la que se iniciaron los movimientos de independencia en las colonias españolas del Río de la Plata, y fue en sus comienzos una versada del pueblo en la que se relataban los hechos patrióticos del momento histórico en que apareció. Transcendiendo de toda limitación regional o temporal, han conservado su vigencia hasta nuestros días ~ Rústica original ~

¹⁸ ORNELLA, Manoelito. *Gaúchos e Beduínos.* São Paulo: José Olímpio, 1948. P. 133.

Meridional apareceram em 1778. Com relação ao termo gaúcho, surgiu em 1790 e segundo Torre Revello e foi escrito por mão espanhola.¹⁸

A palavra apareceu primeiramente nas décimas¹⁹, formas poéticas que narravam a vivência na terra, e os hábitos do homem sul-americano, narrativa referente ao aspecto do pampa, das guerras e dos costumes da terra. Seguindo as características de Hidalgo outros poetas, deixaram sua marca, dentre eles se destacou-se Aureliano de Figueiredo Pinto



Aureliano Figueiredo Pinto²¹ (1898 -/1959)

No *Romance do tropeiro doido*²², Aureliano, relata a história de um peão de tropa que em virtude de uma queda do cavalo, bateu a cabeça, após a recuperação perdeu a

¹⁹ Nota: poema formado por dez versos de oito sílabas onde a primeira rima com o quarto e o quinto verso, o segundo com o terceiro, o sexto com o sétimo e o oitavo e o último com o nono verso.

²⁰ portalsantiago.blogspot.com, figura capturada em 14 de maio de 2008 às 19h40:min.

²¹ PINTO, Aureliano de Figueiredo. *Memórias do Coronel Falcão*. Porto Alegre: Movimento, 1986. Nota: Aureliano F. Pinto, nasceu na Fazenda São Domingos em Tupãciretã, publicou seus primeiros poemas na Revista *Reação*. Em 1916, vem para Porto Alegre para ingressar no curso de Direito, entre os anos de 1918/19: publicou seus poemas no *Correio do Povo* e nas revistas *A Mascara*, *Kodak (RS)* e *Ilustração Brasileira (RJ)*. Publicou poemas nativistas prenunciando a orientação do Modernismo Brasileiro. Em 1919 introduziu a poesia nativista no Rio Grande do Sul. De 1924/25 estudou Medicina no RJ. Sua obra foi influenciada pelos poetas regionalistas argentinos, uruguaios paraguaios e brasileiros como: J.O. Nogueira Leiria, Raul Bopp, Aparício Almeida, Antero Marques, Cassales, Carrazzoni, Olmiro Azevedo, Márcio Dias, José O. Machado entre outros. Em 1930 Participou da Revolução de 30 – Getúlio no poder (apoio Chimangos e Maragatos). Formou-se em medicina 1931 (POA) e no ano seguinte foi clinicar em Santiago do Boqueirão. No ano de 1937, quando vigorava a ditadura Vargas, escreveu a obra *Memórias do Coronel Falcão*. Em 1946 Integrou a Chapa de Deputados Estaduais encabeçada por Flores da Cunha. Em 1959 a Editora Globo publicou, após sua morte a obra *Romances de estância e querência*.

²² PINTO, Aureliano de Figueiredo. *Romances de Estância e Querência* Marcas do tempo. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981.

razão e foi amparado pelo filho que deu-lhe cuidado e abrigo. No decorrer da narrativa observa-se a descrição detalhada das tarefas e atividades cotidianas executadas pelo peão de tropa : *E quando o laço estirou,/no instante mesmo do golpe o baio finco a testa!/ Apartava, refugava./ Coava. Contava a tropa/ e a ajeitava na pastagem,/ com o flete lavado em suor.*

A obra ganha dimensão única a medida que ressalta nele a forma de falar diferenciada, não só quando refere-se as lidas e atividades executadas *como se faz a presilha/ou se remata um botão./ Como se prepara a lonca/ e o romaneio de um laço./ Como se arqueia um canzil/ ou se volteia uma canga./Como se retova um par de Bem feitas boleadeiras, mas* pelo todo que compõe a narrativa e conduz o leitor por dois caminhos distintos: o da erudição do poeta e o do lirismo que impregna o conteúdo da narrativa *Apartava, refugava./ Coava. Contava a tropa/ e a ajeitava na pastagem, com o flete lavado em suor!/ Tudo de imaginação!/ como piazito brincando/de apartes de faz-de-conta.*

Nota-se, que o poema inspirou-se nas vivências campeiras, com invernos, tropeadas, noites longas, chimarrão e outros temas. O conteúdo reflete a percepção do poeta em relação ao momento histórico que vive e as transformações em âmbito nacional, como a semana de Arte Moderna, em 1922 e a valorização da cultura regional. Somavam-se a isto as transformações políticas das quais ele não está alienado conforme se verifica em sua trajetória de vida.

A conquista do direito ao trabalho além aos limites do lar se alavancou no início do século XX, mais precisamente depois da semana da Arte Moderna, com a reivindicação do voto, o ingresso à faculdade que derrubou mais tarde a tese positivista da limitação intelectual feminina.



23

Florisbella Carneiro Zimmerman²⁴ (1929-2007)

²³ Figura pertence ao acervo pessoal de Egiselda Brum Charão

Exemplo do valor intelectual destas mulheres, Florisbela Carneiro Zimmermann, dedicou-se a poesia e a pesquisa, seus estudos focalizaram o gênero feminino o tropeirismo do planalto médio central, onde estavam assentadas suas raízes genealógicas. A idéia não é discorrer sobre a obra da poeta, mas sim entender sua percepção ou visão relativa ao tropeiro.

Para tal foi escolhido o poema *Ao tropeiro*²⁵, Zimmermann escreveu um poema semelhante às narrativas épicas, como se fosse uma espectadora dos fatos narrados. Conta a história das viagens em mulas de Sacramento à Sorocaba a passagem por algumas cidades: *Sobem Morro dos Conventos/ Passam por Castro e Lages/ Demandam a Itapetininga/ Itapeva e Itararé.*

e pouso dos caminhos: *Cruz Alta está no caminho/ São partes dessas volteadas/ Passo Fundo e Carazinho,* ao mesmo tempo idealiza o tropeiro como herói e desbravador : *Conduz a primeira tropa/ Ele é Cristóvão de Abreu/...Trazendo a lua a cabresto/vem repontando alvoradas.*

A narrativa , descreve o tropeiro como se o observasse de outro tempo usando acontecimentos históricos para a elaboração da obra: *Parou na Lapa e Louvou/ ao Monge São João Maria/ ... A vida é sempre um começo nas feiras de Sorocaba/* e ao final a poeta se insere na narrativa pontuando sua ancestralidade e sua herança: *E lá, duma serrania,/ De um rincão de Soledade/ Te trago a talha do tempo/ E a canastra da saudade.* Percebe-se que o texto pautou-se em relatos de pessoas mais antigas,

²⁴FLORES, Agnes Hübner Flores, *Dicionário de Mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999. Nota.: Florisbela é natural de Soledade/RS – Poetisa, historiadora, professora, folclorista. Entre 1929-53 – Getúlio no Poder. No ano de 1935 em Soledade Mov. dos” Monges Barbudos do Lagão” termina em 1938 com atuação da Brigada Militar. Em 1943-48 Pracinhas Itália, Queda Getulio, surgem as primeiras manifestações contra estrangeirismos da mocidade gaúcha que estava morando na cidade que e culmina com fundação 35-CTG. Em1953 aliou-se ao movimento como Co-fundadora do CTG Marciano Brum de Soledade. Publica em 1983 publicou o livro Candeia de Sonhos com poesias gauchescas. Em 1992 Publicou Biribas- História do Tropeiro(Prêmio Anual Sorocaba /SPde Literatura) Em 1998, cursou Faculdade de Teologia em Porto Alegre/RS, nos anos de 1995-96 ganhou o Prêmio Taveira Jr. de Poesia da Estância da Poesia Crioula, em 1995 o Premio Patricia Bins, participou nos anos de 1995-2007 da Coletânea Presença Literária da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul (ALFRS). Em 1996-98 ganhou o Prêmio Nacional Alcides Maia. Ao longo de sua trajetória literária publicou em jornais e coletâneas por todo o Brasil.

²⁵ ZIMMERMANN, Florisbela Carneiro, NETO. Zimmermann Adolfo. *BIRIBAS A Contribuição do tropeiro à formação histórico-cultural do Planalto Médio sul-rio-grandense*. Sorocaba/SP : Fundação Albino do Amaral, 1991

portanto nas reminiscências dos homens e mulheres que atuaram no cenário dos acontecimentos.

Atualmente, a poesia gauchesca passa por uma espécie de retração que tem vários precedentes, entre eles a qualidade das produções poéticas, já que as mesmas, atualmente, giram em torno do consumo de produção e não apenas pela valorização das coisas voltadas o folclore regional. As produções já não são norteados pelos ideais dos anos de 1970 ou seja, para os festivais nativistas que fizeram oposição a cultura estrangeira isto porque tomaram novos rumos não só dentro do contexto regional, mas também nacional agora voltado para a globalização.

Mesmo assim, surgem novos poetas, possuidores de uma cultura ampliada pelo conhecimento e pela troca de experiências internacionais. Esses poetas abrem as portas para um novo entendimento sobre a história do homem sul riograndense. Entre esses poetas destaca-se Guilherme Collares, e com o poema Um certo “Lua Nova”²⁶.



27

Guilherme Araujo Collares da Silva²⁸ (1973-)

²⁶ ENCARTE. 1º Seival da Poesia Gaúcha. São Lourenço do Sul/RS, Prefeitura Municipal, 2000
²⁷ Nota: Figura pertence ao acervo pessoal de Egiselda Charão

²⁸ Nota: Guilherme Collares é natural de Bagé/RS, poeta, músico, arranjador, intérprete e escritor . Mestre em Medicina Veterinária Preventiva pela Universidade Federal de Pelotas/RS , funcionário público da Prefeitura Municipal de Bagé. Pesquisa ritmos, história e folclore sul-americano. Os poetas e escritores que influenciaram sua produção a nível regional foram:, Osiris Rodriguez Castillos (poeta uruguaio), Aureliano de Figueiredo Pinto, Aparício Silva Rillo, Lobo da Costa, Jayme C. Braun, Vargas Neto, Guido Machado Moraes, Colmar Duarte e Eron Vaz Mattos. A nível nacional foram: Érico Veríssimo, Olavo Bilac, Castro Alves, Augusto dos Anjos, Gregório de Matos, entre eles também se incluem: Émile Zolá, Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Edgar Allan Poe, Sir Arthur Conan Doyle, entre outros. Informações acima fornecidas por escrito por Guilherme Collares.

O texto relata a história de um homem que ficou velho, sem se dar conta, trabalhando como peão de tropa desde os seis anos, que sendo um entre os nove irmãos não tivera infância, que tendo de trabalhar desde então, viveu a vida miseravelmente, presenciou a revolução de 1835 e as revoltas de 1893.

Como peão de tropa nunca teve parada, foi preador dos bons, caçava e repontava gado sem marca para as charqueadas de Pelotas. Além de tropeiro, ponteiro de tropa fora também cantador. Envelheceu na rotina das tropeada e ao final da vida, quase cego, doente, desamparado, vem mendigar na cidade, vivendo nas favelas a espera da morte.

O autor mostra em seu texto para uma realidade existente que é a miséria urbana originária da migração do homem do campo para a cidade.: *O Lua... aquele tropeiro.../ ... é hoje um pobre mendigo.../ envergando rotas vestes regaladas por amigos...*Essa mudança ocorreu em virtude da evolução tecnológica que propiciou o desenvolvimento industrial, da crise na agricultura, e da construção das estradas para escoamento da produção entre outros fatores. Percebe-se na estrutura do poema uma cronologia histórica onde o vão aparecendo as evoluções ocorridas através tempo: *Ainda haviam gadarias/ e um sabor de especiarias/ nas canastras dos mascates./ lideranças de caudilhos nas cargas de retiradas/... já contando seis janeiros/ picaneou os seus tambeiros/ E foi crescendo solito/ ...No tempo das tropas largas/ ras charqueadas de Pelotas.* Através da pesquisa, o autor relata a história do gaúcho como alguém fora do seu meio natural, ou seja, um sujeito, sem eira, desprovido de ambições e alheio ao seu tempo. Provavelmente pelas influências da cultura fronteiriça oriunda de trocas com o Uruguai, Argentina e Paraguai.

Em sentido geral a escrita poética e a história estão ligadas originalmente: a poesia busca seus temas na história, nas lendas e mito. A história usa a poesia como meio de transmissão, para assegurar a sua permanência ou sua continuidade, exemplo disso são as epopeias. Portanto, a sua analogia consiste em “..uma mistura entre as Ciências Humanas, por um lado, e a literatura, o romance, as belas artes, o cinema, o teatro e a ópera por outro.»²⁹

²⁹ GOFF Jaques Le. *A Nova História*. Lisboa: Edições 70, 1977. P. 34

De acordo com o conteúdo examinado, concluiu-se nesta reflexão que entre os autores existem três formas distintas de construções imagéticas relativas ao tropeiro. No que se refere a **Aureliano de Figueiredo Pinto** ele descreveu o tropeiro como peão dentro de um espaço local, provavelmente através de estórias populares, ele o transformou, deu-lhe a roupagem do cotidiano, da vivência de uma rotina diária, assim criava a impressão do real à medida em que se utilizava-se da língua como identificador do modo de vida. Enquanto **Florisbela Carneiro Zimmermann** entendeu o tropeiro como um desbravador inserido num espaço amplo nacional e regional pontuado por certas peculiaridades identificadoras (influência tanto da pesquisa quanto do meio) e transforma-o, reforçando a idealização mitológica do homem destemido e invencível no cumprimento de uma tarefa sobrenatural através de metáforas poéticas.

Por fim, **Guilherme Collares**: percebe o tropeiro como peão de lida e cantador, solitário. Este homem mantém suas raízes assentadas no passado e se insere no contexto atual relegado ao esquecimento dentro de um espaço indefinido e sem pátria. Alienado dentro da sociedade urbana transforma-se em desprovido de tudo compõe a camada social dos excluídos. Pontua ainda, que, através da análise das formas de representações do tropeiro na poesia, é possível ao historiador aquilatar a importância das atividades desempenhada por esses homens, inseridos dentro de um meio adverso constituíram uma forma de viver diferenciada no Rio Grande do sul que está em contínua transformação bem como à novos olhares interpretativos.

REFERÊNCIAS

- BIBLIOGRÁFICA

BARROSO, Vera Lucia Maciel, (Org) *Bom Jesus e o Tropeirismo no Cone Sul*. Porto Alegre: EST, 2000.

-----*Bom Jesus e o Tropeirismo no Cone Sul* . In: STEYER, Fábio Augusto. *O tropeiro como temática nos festivais de música no RS*. Porto Alegre: EST. 2000. p. 363-366

BARROSO, Vera Lucia Maciel, (Org) *Bom Jesus na rota do Tropeirismo no Cone Sul*. Porto Alegre: EST, 2004.

_____ *Bom Jesus na rota do Tropeirismo no Cone Sul*. In: MIRANDA, Juan José Garcia. *Arrieros, Troperos y Llameros*. Porto Alegre: EST. 2004. p. 74 -107

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. Einaudi, Anthoropos-Homem, n.5, 1996.

CESAR, Guilhermino . *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1970. p. 34-39 e 88-97

CHARTIER, Roger. *A história Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1988.

_____ *A história Hoje* . Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 1994, p. 97-113

_____ *Cultura Popular* (Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995. p.179-192.

CHAVES, Flavio Loureiro; BATISTI, Elisa, *Cultura Regional 2: língua, história , literatura*. In: ARENT, João Cláudio e PAVANI, Cínara Ferreira. *Imaginário Social e representação literária: apontamentos sobre a poesia de Augusto Meyer*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

ENCARTE. *1º Seival da Poesia Gaúcha*. São Lourenço do Sul/RS, Prefeitura Municipal, 2000

FLORES, Agnes Hübner Flores, *Dicionário de Mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

FLORES, Moacyr. *Dicionário do tropeirismo*. Porto Alegre: Est ,2006.

_____. *Tropeirismo no Brasil*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998.

GOFF Jaques Le. *A Nova História*. Lisboa: Edições 70, 1977

NUNES, Zeno Cardoso Nunes e NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986

ORNELLAS, Manoelito. *Gaúchos e Beduínos* São Paulo: Ollympio, 1948

PINTO, Aureliano de Figueiredo. *Memórias do Coronel Falcão*. Porto Alegre: Movimento, 1986.

_____ *Romances de Estância e Querência Marcas do tempo*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981.

POZZEBON, Maria Catarina Lima. *O Caminho das Tropas e a formação de Cruz Alta*. Porto Alegre, 2002. Dissertação de Mestrado em História. PUCRS

ZIMMERMANN, Florisbela Carneiro, NETO. Zimmerann Adolfo. *BIRIBAS A Contribuição do tropeiro à formação histórico-cultural do Planalto Médio sul-riograndense*. Sorocaba/SP : Fundação Albino do Amaral, 1991

ELETRÔNICA

PESAVENTO, Sandra Jatahy, « História & literatura: uma *velha-nova* história », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006. URL : [hwww.fcsh.unl.pt](http://www.fcsh.unl.pt) Capturada em: 14 de maio de 2008 às 19h22min. portalsantiago.blogspot.com, figura capturada em 14 de maio de 2008 às 19h40:min.